

Uma conversa com MARIA VALÉRIA REZENDE

Entrevista concedida a **Herasmo Braga**

Maria Valéria Rezende nasceu em 1942, na cidade de Santos, SP, onde viveu até aos 18 anos. Desde 1976 vive na Paraíba, tendo já recebido o título de cidadã paraibana. Escreve ficção, poesia e também é tradutora. Ganhadora de vários prêmios literários e autora de diversos romances consagrados pela crítica e pelo público, tais como *Quarenta Dias* (2014), *Outros Cantos* (2016) e *Carta à Rainha Louca* (2019).

Herasmo Braga | Na sua trajetória literária, quais momentos a senhora considera mais decisivos para a sua trajetória ou consolidação como escritora?

Maria Valéria Rezende | Bem, você fala de trajetória literária. Eu não vejo a minha vida como uma trajetória literária. Eu vejo que a literatura, na minha vida, sempre foi alguma coisa absolutamente presente, como tomar café, almoçar, jantar, tomar banho e dormir,

porque nasci em uma família que, nos dois lados, da minha mãe mineira e do meu pai paulista santista, havia escritores e a gente convivia com escritores que depois ficaram famosos, mas nos anos 40 e 50 não tinha nem televisão nem nada dessas coisas, então os livros eram importantes e os escritores não eram *popstars*, eram pessoas normais com quem a gente convivia. Então, na minha vida, era tão comum conviver com escritores e vê-los trancados em casa escrevendo, escrevendo, que eu não queria ser isso, eu queria uma vida mais animada, de andar pelo mundo. Como naquele tempo não havia muita possibilidade de uma mulher ser jornalista internacional, daquelas que vai para os lugares de ação, como eu também participava da Juventude Estudantil Católica, eu escolhi ser missionária, justamente para poder andar pelo mundo e ver de tudo. Mas toda a vida eu escrevi. Durante a minha infância e minha adolescência, nem televisão tinha. Então, o que se fazia depois do jantar era sentar-se na varanda ou na calçada e, na minha família, liam-se livros. Liam-se contos, não livros infantis, mas livros de literatura. Ouvei centenas de contos do Machado de Assis na varanda de casa, na casa do meu avô. Meu avô tinha sido declamador no cinema, nos intervalos de cinema no Rio de Janeiro, então ele sabia de cor todo Gonçalves Dias, todo Castro Alves, tudo o que você quiser dos grandes poetas românticos, que era o que tava no princípio do século XX, era o que ele tinha que declamar. A gente ouvia aquilo assim, era normal, então eu comecei a ter contanto não com a literatura infantil, que era muito pouca no meu tempo, mas com a literatura adulta, desde antes de

aprender a ler, porque eu ficava ouvindo tudo aquilo. Interpretava da minha maneira e desde que eu aprendi a ler. Eu li a vida inteira, não posso viver sem ler. Na maior parte da minha vida, depois que eu me tornei jovem e adulta, era pelo menos 2000 páginas por semana, o que me deixava bastante angustiada quando eu vivia no interior, onde não havia livraria, não havia biblioteca. Quando eu não tinha o que ler, eu sentava na máquina e escrevia, escrevia o que eu estava vendo, o que eu tava percebendo, pronto.

Eu acabei na véspera dos 60 anos publicando um livro de ficção porque como eu trabalhava como educadora popular no interior, na zona rural, e não tinha dinheiro, quando eu ia encontrar com algum amigo que fazia aniversário ou alguma coisa, eu escrevia uma história e batia à máquina bonitinho, desenhava uma capa e levava de presente dizia “olha esse é o meu presente de aniversário pra você, que eu fiz especialmente pra você” e pronto. Uma vez eu dei uma dessas histórias pro Frei Beto, que era muito meu amigo desde a nossa adolescência, e anos depois ele entregou para um editor que me telefonou, pediu tudo o que eu tinha. Aí eu fui achando dentro dos dicionários, dos livros espalhados pela casa, uma porção de cópias de histórias que eu tinha escrito. Aí eu comecei a organizá-las por mundos e daí saiu meu primeiro livro, *Vasto Mundo*, e cada livro foi um livro. Eu, quando termino um, não sei se vai haver outro, e pronto, é assim. Histórias pra contar todo mundo tem. Como eu li muito, muito, muito, muito, eu tenho um vocabulário rico, sei o que é escrever bem, porque

li bons autores. Tudo o que coube na minha vida até agora eu li, e pronto, é assim. Houve um momento em que aconteceu uma coisa muito importante. Foi quando o sindicato de trabalhadores da construção civil aqui de João Pessoa fez um projeto, o projeto Zé Peão, que buscava fazer escolas nos canteiros de obras. Havia gente que já estava muito bem alfabetizada e precisava ler, mas era difícil encontrar na literatura comum coisas que interessassem a jovens, ou menos jovens, trabalhadores da construção civil que tinham acabado de se alfabetizar. E aí eu dei para o Paulo Marcelo, que era o presidente do sindicato naquele momento, um exemplar do meu *Vasto Mundo* e ele imediatamente começou a ler aquilo e disse “você tem que conseguir pra mim porque este é o livro para os nossos alunos e companheiros lerem”. Então, ele fez um dia de lançamento, eu consegui da editora 260 exemplares e eles fizeram um lançamento bem formal, com todos os trabalhadores, cada um recebeu um livro e eu tive que autografar pra cada um. Era aquela fila e eu até preocupada, porque demorava, e aí eu fui vendo na medida que eu ia autografando e fazendo uma dedicatória para cada um, os primeiros iam se sentar lá nas cadeiras do salão, onde isso foi feito. Eu os via lendo, cutucando o outro, rindo, mostrando pro outro, e eu vi que realmente eles estavam curtindo aquilo ali. Como educadora popular, naquele momento foi que eu finalmente pensei que valia a pena escrever, porque havia leitores para quem não havia livros e isso daí foi uma coisa que me motivou. Se houve um momento importante foi esse, porque senão eu poderia ter abandonado naquele primeiro livro simplesmente.

No tocante às produções ficcionais, a senhora concorda com a ideia de que apenas contistas ou romancistas mulheres teriam capacidade de desenvolver personagens femininas fortes, sendo elas protagonistas ou não nos enredos?

Bom, quanto ao fato de que seriam apenas contistas ou romancistas mulheres que teriam capacidade de desenvolver personagens femininas fortes, eu não tenho como afirmar isso. Eu acho que todo mundo pode escrever coisas muito interessantes sobre qualquer tipo de pessoa, depende da sua capacidade de observação, de diálogo, de abertura. Agora, por outro lado, certamente a maneira das mulheres escreverem sobre outras mulheres é diferente da maneira dos homens de escreverem sobre as mulheres, e eu sempre gosto de citar alguns livros que foram clássicos da literatura com os quais eu tenho grande implicância, por exemplo *Madame Bovary*, *Anna Karenina*, *O vermelho e o negro*, porque tem muitos e muitos livros de escritores que escrevem sobre mulheres das quais os homens fazem gato e sapato e no fim das contas elas ainda fazem o favor de se matar para não incomodar. Então, eu acho que nenhuma mulher escreveria um livro assim e se escreveu foi porque foi forçada pelo ambiente literário, pelo que parecia clássico e bom. Agora, acho que todos os pontos de vida são diferentes e são interessantes pra gente compreender justamente como é que as pessoas humanas enxergam as outras humanas dependendo do lugar onde elas se encontram.

A senhora tem grande e merecido reconhecimento no gênero romance. Como foi a sua experiência ao elaborar o seu livro de contos *Modos de Apanhar Pássaros na Mão*? Há pretensões de novos livros de contos?

Eu não elaborei um livro de contos. Eu publiquei o meu primeiro livro, que pra mim é um romance, *Vasto Mundo*, que é um romance no qual o narrador é o chão e as pessoas não entenderam muito isso. Embora a editora tenha entendido e tenha publicado como romance, ele muitas vezes foi citado como livro de contos. Na verdade, quase todo bom romance contém vários contos. Além disso, a gente criou aqui em João Pessoa, em 2004, o Clube do Conto, que era simplesmente uma oficina de escrita criativa sem mestre e que a gente tinha o desafio de toda semana escrever um conto com um tema que era votado no encontro anterior. Então, toda a vida eu escrevi contos, contei histórias, escrevi histórias. Mas, antes disso, eu já tinha feito cordel, novela de rádio, peça de teatro para o trabalho de educação popular, então toda a vida eu fui contadora de histórias, inclusive desde criança, porque como eu achava que todo mundo um dia escrevia um livro porque todo mundo ali à minha volta escrevia livros, nas minhas famílias todo mundo era escritor. Eu achava que era uma coisa normal e até nada demais. Agora, quando saiu o *Vasto Mundo*, começaram justamente a me xingar de regionalista e como a esta altura dos acontecimentos chamar alguém de regionalista era diminuir a sua literatura eu fiz um livro de contos que, se você reparar bem,

tem conto de tudo quanto é jeito. Não tem uma linha que seja unitária naqueles contos, que é exatamente uma resposta pro tal de regionalismo. Eu queria mostrar simplesmente que eu sou capaz e posso escrever o que eu quiser, sobre o que eu quiser e eu não tô amarrada num lugarzinho que outros inventaram pra mim. Então foi por isso que eu publiquei o *Modo de apanhar pássaros à mão*. Eu não elaborei um livro, eu simplesmente juntei um bocado de contos que eu tinha do Clube do Conto, daqui, dali e pronto, fiz esse livro.

Sobre essa eterna discussão sobre as produções literárias tidas como regionalistas ou neorregionalistas, como tem se configurado em relação às produções contemporâneas, como a senhora percebe essa estética regionalista ou neorregionalistas? Nas suas obras elas são presentes?

Pois seguindo com a história do regionalismo, é preciso a gente se lembrar um pouco de como surgiu esse termo. Houve o famoso manifesto regionalista que foi liderado por escritores daqui do nordeste, entre eles Gilberto Freyre e outras pessoas, e era uma espécie de resposta à posição de suposta superioridade com que se haviam colocado o pessoal ligado à Semana de Arte de 22 em São Paulo. Então, naquele momento, o pessoal dizia “o Brasil não é só São Paulo, o Brasil não é só isso daí e não é só em São Paulo que se escreve, nem só no Rio de Janeiro”. Porém, a partir daí,

aos poucos foi se tornando um termo meio pejorativo, o que é uma besteira sem tamanho, a menos que a gente acredite que a Terra é plana, porque se a Terra não é plana qualquer ponto da superfície terrestre é um centro e o resto são regiões. Todas as regiões são regiões com suas características e suas limitações, não há comparação entre a riqueza do vocabulário de um amazonense ou de um nordestino com o pobre vocabulário da cidade de São Paulo que é composta, na sua maioria, de imigrantes, filhos ou netos de imigrantes a quem nunca se ensinou o português e que portanto o português que se fala na rua em São Paulo, que se fala espontaneamente, é um português reduzido à sua expressão mais corrente, mais mínima, muito pobre. Então, não há razão nenhuma para se diminuir chamando de regionalista qualquer tipo de literatura. Eu acho estranho, por exemplo, que quando alguém do Rio de Janeiro ou de São Paulo escreve um livro que se passa inteirinho na Vila Madalena, ou em Botafogo, ou na favela da Maré, ninguém diz que aquilo é uma literatura bairrista, embora tudo aconteça em um bairro. Agora, por que é que tem que chamar de regionalista quando somos nós que escrevemos ou os gaúchos que escrevem? Isso daí é uma bobagem sem tamanho, tudo é região, em qualquer lugar do mundo você pode delimitar uma região e ela vai ter sua linguagem, sua experiência, sua cultura própria e pronto, simplesmente. Eu também não me interesso muito por teoria literária nem por classificações e caixinhas, eu escrevo o que me dá na telha. Esse problema de pôr numa caixinha, ou tirar da

caixinha é problema dos teóricos, eu não tenho nada que ver com isso. É para alimentar professor de literatura, mas para escrever a gente não precisa das caixinhas.

HERASMO BRAGA

Professor da Universidade Estadual do Piauí e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí